

FLY0011

Carta familiar entre marido e mulher. De Peniche para [Lisboa]. De Peniche para [Lisboa].

Data

14/12/1971

Referência Arquivística

N.A.

Arquivo Privado, Arquivo Privado, FLY0011, Fólio [1]r-v

Resumo

O autor procura resolver uma série de problemas que lhe foram expostos em carta anterior da destinatária. Eram problemas financeiros, de saúde, de educação das filhas e de relação com pessoas das famílias de ambos. Tenta influenciar as decisões da destinatária sugerindo-lhe, sobretudo, que se abra mais com ele.

Local

Peniche

Cartas relacionadas

FLY0002 FLY0008 FLY0010 FLY1039 FLY1040 FLY1041 FLY1042 FLY1067 FLY1116 FLY2024
FLY2025 FLY2026 FLY2027 FLY2069 FLY2071 FLY2074 FLY2076 FLY2077 FLY2078 FLY2438
FLY2600

Texto**Fl. [1]r**

Peniche,

14. Dezembro. 1971

[N]:

Recebi hoje, ao fim da tarde, a tua carta. Sinto, eu próprio sinto, a necessidade de pensar mais nalgumas coisas da tua carta, de procurar apreender melhor a realidade que me tentas transmitir. Mas das duas uma: ou te escrevia hoje, correndo o risco de o fazer menos ponderadamente: ou te escrevia apenas no sábado, correndo o risco de parecer não ter ficado sensibilizado. Estiveste doente com quê?

Queria começar por te dizer quanto considero essencial que, num conjunto de questões, saibamos fazer perdurar franqueza nítida, sem cerimónias, sem preconceitos também. Quanto seria artificial – penso-o – banir uma amizade que se quer lúcida mas se quer também solidária. Por milhões de coisas óbvias.

Tenho-me esforçado porque se concretize efectivamente a ajuda material da minha família à [N]. Calculas quanto sofro com a situação que, agora, descubro. Só te posso dizer que me irei esforçar por alterar as coisas. Dentro do que posso – que é pouco, mas é alguma coisa. Talvez eu devesse, por mim, ter descoberto mais cedo. Talvez, não sei. Sei que também te culpo d um silêncio que só um preconceito artificial, "teatral", pode justificar. Escrevo hoje ao meu Pai. Peço-te, peço-te mesmo, que me mantenha informado da situação, que seja comigo que trates essa questão. Hoje já não me é possível escrever aos outros meus irmãos, mas irei fazê-lo no sábado, nos termos que acho exigirem-se.

Desta tua carta, fica-me uma impressão de meias-palavras. Eu compreendo que não é fácil, nada fácil, usar as palavras inteiras. Mas talvez também em muito te deixasses dominar pela interrogação «Mas para que te conto tudo isto?». É-me assim difícil detectar problemas e saber, ao fim e ao cabo, o que hei-de fazer, o que devo fazer. E [...] perceber completamente a real situação. Procurando ser eu concreto, ponho-te claramente a questão: o que é necessário, [N]? Concretamente, exactamente? Perguntei-te já mais do que uma vez. Hoje repito-o com toda a sinceridade,

sem qualquer intenção ou espírito que não seja ajudar-te e ajudar a [N].

Falas-me do teu emprego. Sentes necessidade de mudar? Necessitas de alguma ajuda concreta nesse sentido? Responde com franqueza e sem preconceitos. Se puder ajudar-te, no que puder ajudar-te, sabes – julgo que sabes – que o farei: É evidente.

Em quanto pensas necessário ajudar a [N]? Em concreto, quanto pagas mensalmente no colégio da [N]? Perguntei-to várias vezes: porque não respondes? Não se trata de responderes

Fl. [1]v

ao meu Pai; trata-se de me responderes a mim, ao pai da [N]. Porque não hás-de ser franca?

Quanto à ajuda da tua irmã, eu expliquei-te porque fazia questão de resolver o assunto através da [N]. As razões são várias e mantem-se. Aliás tomei medidas nesse sentido, como te disse: peço-te que não leves de modo algum a mal, porque seria de todo infundado. Creio mesmo que o assunto já está resolvido. Como compreendes, seria longo voltar a expor todas as razões da minha insistência nessa solução, mas em síntese posso dizer: é a solução que está de acordo com a trama de relações reais existentes hoje; é a solução que corta pela raiz confusões possíveis, ambiguidades, etc.

(Meto aqui isto: pouco me dizes sobre a [N]. Como está? Que diz? Que faz? Saude? Disposição, etc?

De que precisa a [N]? Roupas? Livros? De que precisa a [N]? Tiveste possibilidade de lhe dar qualquer coisa em meu nome ou não?) Ainda sobre a ajuda da tua irmã: Acho uma loucura teres adiantado o que não tinhas!

E maior loucura seria fazê-lo agora, quando o problema já está resolvido pelo menos para mim. Não percebo porque o fizeste, a não ser por uma preocupação tola. Por outro lado, também não percebo porque ainda não falaste com a tua irmã: não seria difícil estares em dia com problemas desses se também não houvesse algum desleixo da tua parte. Só se estiveste doente! Mas não sei, não sei.

Sobre a [N] passar o Natal em Lisboa: escrevi, como aconselhas, à [N] e, indirectamente; à [N], pedindo opiniões com urgência. Eu próprio não a tenho: por um lado, vejo toda a vantagem, em múltiplos sentidos, em que a [N] mantenha vivos os laços contigo, com a [N], com a Avó [N], etc; por outro lado, sou-te franco, não sei se isto poderá ser prematuro, sobretudo para a estabilidade emocional da [N] e também para a tua, [N].

Sobre a tua opinião nada dizes: que pensas tu, [N], ponderadamente? Dir-te-ei depois o que me disserem e tiverem concluído, mas é importantíssimo que tu, Mãe da [N], digas o que pensas e sentes. Com franqueza aberta.

Quanto à tua possível visita há o seguinte: todos os presos vão ter uma visita em comum no Natal – Ano Novo, isto é, entre 20/XII e 10/Jan..

Terei que comunicar antes o dia, a hora e as pessoas prováveis. Gostaria muito que a [N] e a [N] cá viessem. Escrevo hoje à [N] e ao meu Pai a co-

locar a questão: não sei se podem vir, quando podem, etc. Espero resposta. Mas, de qualquer modo, talvez a tua vinda pudesse coincidir, indo ao encontro

dos termos exactos da tua sugestão e oferta. Que pensas? Que dias poderás? Diz-mo para que eu possa coordenar as coisas e dizer-te depois o que houver.

Releio a tua carta e fico aflito. Não tenho já tempo para te escrever outra carta. (E não sei se o devia). Perturba-me muito a frustração, o cansaço, o desencanto que se pressente nas palavras que tu própria te arrancaste, em toda a tua carta. Que é isso de espírito acomodaticio, de autoprivacão, de fome? Que mudança é essa que se adia e adia? Para que situação económica "aflitiva" te deixas arrastar? Para onde vais? Para onde queres ir – ou, talvez, para onde "acomodaticamente" consentes que te empurrem? Não sei que te dizer: não sei mesmo. E, no meio disto tudo, o que fazer por ti e pela [N]. Não sei.

Escreve sem preconceitos, com sinceridade, de modo a que eu perceba o que não percebo. Escreve mesmo!

Beija-me e beija-me e beija-me ainda a minha [N] – a quem amo cada vez mais até por esta distância e esta ausência toda.

Abraço-te com força

[N]

Contexto

prisão

Palavras Chave**Tipo:** instruções**História:** prisão**Sociologia:** família, educação, condições económicas

Normas de Transcrição

Transcrição quasi-paleográfica, normalizando-se apenas a fronteira de palavra. As conjeturas do editor surgem entre parênteses retos e as leituras difíceis foram assinaladas com contraste de cor. As formas emendadas nos originais manuscritos estão rasuradas com um traço sobreposto, enquanto as formas acrescentadas nos mesmos originais se transcreveram na entrelinha superior. Com o intuito de salvaguardar dados privados, as ocorrências de nomes de pessoa surgem substituídas pela letra [N], as de nome de lugar, pela letra [L] e as de outros dados, pela letra [D]. Finalmente, as cartas de acesso restrito têm reticências entre parênteses retos a assinalar texto suprimido.

Suporte Material

Suporte: uma folha de papel de carta pautado de 30 linhas escrita em ambas as faces; carimbo da censura da Cadeia do Forte de Peniche.

Medidas: 275mm × 211mm

Mancha Gráfica: sem linhas em branco entre a fórmula de endereço e o início do texto.

Créditos

Transcrição: Ana Guilherme

Revisão: Mariana Gomes

Codificação DALF: Ana Guilherme

Contextualização: Ángel Rodríguez Gallardo

Discorda da nossa leitura? Por favor escreva-nos: cardsclul@gmail.com